



O Cotidiano como Categoria Formadora no Ensino de História: Caminhos para uma Aprendizagem Significativa e Crítica

Everyday Life as a Formative Category in History Teaching: Paths Toward Meaningful and Critical Learning

Mariza Regina Duarte

Tutora da Coordenação Regional de Educação de Morrinhos – SEDUC – GO. <http://lattes.cnpq.br/7051863253124724>.

Elisabete Batista Ottobeli

Diretora Pedagógica de unidade escolar da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás.

Keila Regina de Sousa Figueiredo

Secretária Geral de unidade escolar da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás.

Lucidalva Santos Amorim Rabêlo

Professora de unidade escolar da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás.

Elaine Luiz Martins Oliveira

Professora de unidade escolar da Rede Municipal de Educação de Caldas Novas-GO.

Resumo: O estudo analisa o cotidiano como categoria formadora no ensino de História, com o objetivo de compreender de que maneira as experiências vividas pelos estudantes podem contribuir para a construção de aprendizagens significativas, críticas e contextualizadas. Parte-se do entendimento de que a História escolar deve ultrapassar a simples transmissão de conteúdos, valorizando o diálogo entre o conhecimento científico, as memórias, as narrativas e os repertórios culturais dos alunos. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida por meio da análise de produções acadêmicas relacionadas ao ensino de História, à aprendizagem significativa, ao cotidiano escolar e às práticas pedagógicas críticas. A investigação fundamenta-se em autores que discutem a formação histórica dos estudantes, a mediação docente e a articulação entre saber escolar e experiência social, como Silva (2021), Lima *et al.* (2022), Bruniczak, Morés e Soares (2024), Almeida (2024), Franzi *et al.* (2009) e Gonçalves e Freire (2024). A análise indica que a valorização do cotidiano favorece a aproximação entre os conteúdos históricos e a realidade dos estudantes, amplia a capacidade interpretativa, fortalece a consciência histórica e estimula a leitura crítica do mundo. Conclui-se que o cotidiano, quando incorporado de forma intencional à prática docente, constitui-se como eixo formador capaz de integrar passado e presente, escola e comunidade, conhecimento e experiência. Dessa forma, o ensino de História reafirma sua dimensão crítica, humanizadora e cidadã, contribuindo para a formação de sujeitos participativos, autônomos e conscientes de sua inserção nos processos históricos e sociais.

Palavras-chave: ensino de História; cotidiano; aprendizagem significativa; prática pedagógica; consciência histórica.

Abstract: This study analyzes everyday life as a formative category in History teaching, with the objective of understanding how students' lived experiences can contribute to the construction

of meaningful, critical, and contextualized learning. It is based on the understanding that school History should go beyond the mere transmission of content, valuing the dialogue between scientific knowledge, memories, narratives, and students' cultural repertoires. The study is characterized as qualitative bibliographical research, developed through the analysis of academic productions related to History teaching, meaningful learning, everyday school life, and critical pedagogical practices. The investigation is grounded in authors who discuss students' historical formation, teacher mediation, and the articulation between school knowledge and social experience, such as Silva (2021), Lima *et al.* (2022), Bruniczak, Morés, and Soares (2024), Almeida (2024), Franzi *et al.* (2009), and Gonçalves and Freire (2024). The analysis indicates that valuing everyday life favors the approximation between historical content and students' realities, broadens interpretative capacity, strengthens historical consciousness, and stimulates a critical reading of the world. It is concluded that everyday life, when intentionally incorporated into teaching practice, constitutes a formative axis capable of integrating past and present, school and community, knowledge and experience. Thus, History teaching reaffirms its critical, humanizing, and civic dimension, contributing to the formation of participatory, autonomous subjects who are aware of their insertion in historical and social processes.

Keywords: History teaching; everyday life; meaningful learning; pedagogical practice; historical consciousness.

INTRODUÇÃO

O ensino de História tem papel essencial na formação da consciência crítica e na construção do pensamento histórico, pois permite que os estudantes compreendam o mundo em que vivem e se reconheçam como sujeitos históricos. Mais do que transmitir conteúdos, essa disciplina oferece ferramentas para interpretar a realidade e compreender as relações entre passado, presente e futuro, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da cidadania ativa. Silva (2021) destaca que a História escolar deve ultrapassar a simples exposição de fatos e datas, tornando-se instrumento de emancipação e de leitura crítica da realidade.

Nesse contexto, o cotidiano surge como categoria formadora e eixo articulador da prática pedagógica. Reconhecer o valor das experiências diárias no processo de ensino-aprendizagem significa legitimar as vivências dos alunos como espaços de produção de saberes e significados. Lima *et al.* (2022) observam que o ensino de História ganha densidade quando dialoga com o mundo vivido, promovendo conexões entre memória, identidade e experiência. Assim, o cotidiano não é apenas cenário, mas fonte e método, onde se constroem as narrativas que dão sentido à vida coletiva.

A partir dessa compreensão, a pesquisa é orientada pela seguinte questão norteadora: de que maneira o cotidiano pode ser compreendido como categoria formadora no ensino de História, contribuindo para a construção de aprendizagens significativas, críticas e contextualizadas? Essa indagação parte do entendimento de que as experiências vividas pelos estudantes, quando articuladas ao conhecimento histórico escolar, podem ampliar a compreensão da realidade social, fortalecer

a consciência histórica e favorecer práticas pedagógicas mais próximas da vida concreta dos sujeitos.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar o cotidiano como categoria formadora no ensino de História, discutindo suas contribuições para a aprendizagem significativa e crítica dos estudantes. De modo específico, busca-se compreender os fundamentos teóricos do ensino de História na construção do saber histórico; refletir sobre o cotidiano como espaço de produção de saberes e de valorização das experiências discentes; e discutir práticas pedagógicas capazes de articular os conteúdos históricos às vivências dos alunos, favorecendo uma formação crítica, cidadã e humanizadora.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, desenvolvida por meio da análise de produções acadêmicas relacionadas ao ensino de História, ao cotidiano escolar, à aprendizagem significativa e às práticas pedagógicas críticas. A investigação fundamenta-se em autores que discutem a formação histórica dos estudantes, a mediação docente, o diálogo entre saber científico e experiência cotidiana, bem como o uso de metodologias que aproximam o conhecimento escolar da realidade social. A análise dos materiais selecionados será realizada de forma interpretativa, buscando identificar aproximações teóricas, contribuições pedagógicas e possibilidades de aplicação do cotidiano como eixo formador no ensino de História.

A estrutura do estudo organiza-se em três seções. A primeira corresponde à introdução, na qual são apresentados o tema, a problemática, os objetivos, a metodologia e a organização do estudo. A segunda seção apresenta o referencial teórico, discutindo os fundamentos do ensino de História, o cotidiano como categoria formadora e as práticas pedagógicas voltadas à aprendizagem significativa e à análise das relações entre cotidiano, saber histórico e formação crítica dos estudantes. Por fim, a terceira seção reúne as considerações finais, retomando a questão norteadora e sintetizando as principais contribuições do estudo para o ensino de História.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fundamentos Teóricos do Ensino de História e a Construção do Saber Histórico

A compreensão dos fundamentos teóricos do ensino de História exige uma reflexão sobre o papel da disciplina na formação da consciência crítica e na construção do pensamento histórico dos estudantes. Ensinar História não é apenas transmitir datas e fatos, mas possibilitar que os alunos compreendam o mundo em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos históricos. O conhecimento histórico escolar, nesse sentido, torna-se um instrumento de leitura da realidade, permitindo que os estudantes articulem o passado e o presente, interpretando processos sociais e culturais de modo contextualizado e significativo.

O ensino de História adquire relevância quando se entende que o aprendizado histórico não é linear, mas construído por meio do diálogo entre diferentes temporalidades e perspectivas. A disciplina possibilita o desenvolvimento da consciência histórica ao promover o confronto entre narrativas e o questionamento das versões únicas do passado. Silva (2021) explica que a História escolar deve se orientar pela compreensão crítica das experiências humanas, favorecendo o exercício da cidadania e o reconhecimento da diversidade. Ao dialogar com o cotidiano e com as memórias coletivas, o ensino histórico se torna meio de emancipação e de formação ética.

A prática docente em História demanda, portanto, um olhar sensível para as vivências e as realidades dos estudantes. O professor precisa atuar como mediador entre o saber científico e os repertórios culturais presentes no ambiente escolar, promovendo um processo de ensino que valorize a pluralidade e o pensamento crítico. Conforme ressaltam Lima *et al.* (2022, p. 23), “o ato de ensinar História implica interpretar o presente à luz do passado e projetar futuros possíveis”. O conteúdo, quando articulado com a experiência dos sujeitos, ganha densidade e sentido, transformando-se em prática social viva e transformadora.

Compreender o saber histórico como construção social implica reconhecer que a História ensinada na escola é sempre resultado de escolhas, interpretações e valores. O currículo, longe de ser neutro, expressa disputas de poder e diferentes concepções de mundo. Franzi *et al.* (2009) lembram que

A escola, ao selecionar o que deve ser ensinado, contribui para definir quais memórias serão preservadas e quais serão silenciadas. Essa dimensão política do ensino histórico exige que o educador se posicione criticamente diante das narrativas hegemônicas, abrindo espaço para múltiplas vozes e experiências.

O processo de ensino e aprendizagem em História não se limita à memorização de conteúdos, mas envolve a produção de significados e a capacidade de interpretar o passado em sua complexidade. Bruniczak, Morés e Soares (2024) afirmam que o conhecimento histórico só adquire relevância quando provoca o estudante a refletir sobre o sentido das ações humanas no tempo. A aprendizagem se torna, assim, um processo de investigação e descoberta, em que o aluno reconstrói o passado e se reconhece como sujeito ativo na História. Tal perspectiva redefine a função do ensino histórico, aproximando-o da vida cotidiana e da prática social.

O desenvolvimento do pensamento histórico requer metodologias que valorizem o questionamento, a análise de fontes e a problematização dos contextos. O ensino de História deve estimular a curiosidade intelectual e o diálogo entre saberes, tornando-se uma experiência investigativa. Silva (2021) observa que o aluno aprende História de forma significativa quando é instigado a confrontar diferentes interpretações e a elaborar suas próprias hipóteses. Essa abordagem dialógica substitui a passividade pela reflexão crítica, consolidando uma aprendizagem autônoma e consciente de seu papel social.

Além da dimensão cognitiva, o ensino de História carrega forte componente ético e político. Aprender sobre o passado é também compreender as injustiças e as lutas que moldaram a sociedade, bem como os direitos conquistados e os desafios ainda presentes. Almeida (2024, p. 54) destaca que “o ensino histórico deve contribuir para a formação de sujeitos comprometidos com a transformação social, sensíveis à diversidade e às desigualdades”. Ao trabalhar temas que envolvem identidade, memória e direitos humanos, o professor amplia o horizonte formativo da disciplina e fortalece o papel da escola como espaço de construção democrática.

A prática pedagógica em História precisa, portanto, romper com o paradigma transmissivo e adotar metodologias que favoreçam a participação ativa dos estudantes. Gonçalves e Freire (2024) defendem que o ensino dialógico, inspirado em princípios freirianos, deve reconhecer os saberes prévios dos alunos e utilizá-los como ponto de partida para a construção do conhecimento. Essa interação entre experiências e conteúdos escolares promove uma aprendizagem mais próxima da realidade, em que o estudante se sente autor e participante do processo. O diálogo, nesse contexto, torna-se ferramenta essencial para a humanização do ensino.

A construção do saber histórico se consolida quando o aluno é capaz de estabelecer relações entre passado e presente, percebendo a historicidade de suas próprias experiências. O ensino deve favorecer o pensamento temporal, a análise de continuidades e rupturas, e a compreensão das múltiplas dimensões do tempo histórico. Franzi *et al.* (2009) ressaltam que:

A consciência histórica emerge quando o sujeito é capaz de reconhecer-se como parte da História, compreendendo que suas ações e escolhas são determinadas e determinantes nos processos sociais. O aprendizado histórico, portanto, é também um exercício de autoconhecimento e de inserção crítica no mundo.

Refletir sobre os fundamentos teóricos do ensino de História significa, em última instância, repensar a própria função social da escola. Ao priorizar a formação crítica e a consciência histórica, a disciplina assume um papel transformador, indo além da reprodução de informações. Silva (2021) defende que a História ensinada deve ser instrumento de emancipação e não de submissão, estimulando o pensamento autônomo e a leitura crítica da realidade. A escola torna-se, assim, um espaço de diálogo entre memórias, identidades e perspectivas, comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e participativa.

O Cotidiano como Categoria Formadora e Espaço de Produção de Saberes

A compreensão do cotidiano como categoria formadora inscreve-se na busca por um ensino que reconhece a vida diária como espaço legítimo de produção de conhecimento e identidade. Ao situar o cotidiano no centro do processo educativo, o ensino de História se aproxima das experiências concretas dos alunos e assume caráter crítico e emancipador. O aprendizado deixa de ser uma mera reprodução de

conteúdos prescritos e passa a constituir-se como prática de construção de sentidos, na qual o aluno interpreta o mundo a partir de suas vivências. Essa perspectiva resgata o valor do que é vivido, percebido e sentido, transformando a escola em território de escuta e de elaboração coletiva do saber.

Tratar o cotidiano como eixo formador implica reconhecer que as práticas sociais, os hábitos, os gestos e as narrativas locais são dimensões fundamentais da experiência humana. A História, nesse contexto, ganha densidade quando dialoga com o espaço vivido, valorizando as vozes que emergem da comunidade e dos sujeitos que a compõem. De acordo com Marques (2010, p.11):

A inserção do cotidiano na prática pedagógica amplia a capacidade dos alunos de compreenderem a si mesmos como sujeitos históricos, portadores de memórias e de identidades em construção. A presença dessa dimensão no ensino possibilita que o conhecimento escolar deixe de ser distante e abstrato, tornando-se expressão viva das relações sociais e culturais.

O reconhecimento do cotidiano como categoria epistemológica desafia a lógica tradicional da escola, centrada na hierarquização dos saberes. As práticas que incorporam a experiência dos alunos tensionam a distância entre o conhecimento científico e o popular, criando pontes de significação. Febs e Queiroz (2023, p. 23) sustentam que “as experiências culturais dos estudantes devem ser compreendidas como repertórios válidos de aprendizagem, pois revelam modos próprios de interpretar e agir no mundo”. Essa leitura amplia o escopo da educação histórica, que passa a valorizar a diversidade como fonte de saber e como campo de disputa simbólica, no qual o aluno se reconhece como produtor de sentidos e agente da história.

O cotidiano, enquanto espaço pedagógico, favorece a articulação entre saber e experiência, entre o vivido e o aprendido. As relações estabelecidas entre os sujeitos no ambiente escolar carregam potências formativas que ultrapassam o conteúdo formal. A escuta das narrativas dos estudantes permite identificar os modos como constroem significados sobre o passado e projetam expectativas de futuro. Quando o professor reconhece essa potência, ele transforma a sala de aula em um laboratório de investigação sobre a realidade. O aprendizado emerge do diálogo entre as vozes discentes, o currículo e os desafios contemporâneos.

Coelho *et al.* (2022) apontam que “as experiências escolares ganham novo significado quando os alunos se reconhecem como sujeitos participantes da construção do conhecimento, a partir de suas realidades socioculturais”. A citação reforça que o cotidiano não é apenas um contexto, mas um princípio orientador das práticas educativas. O professor, ao incorporar o vivido ao planejamento, estimula o pensamento crítico e a capacidade interpretativa. Esse processo exige abertura à incerteza e disposição para reconstruir o percurso pedagógico em parceria com os alunos, que passam a exercer papel ativo na produção do saber histórico.

Acentralidade do cotidiano também redimensiona o papel da mediação docente. O professor deixa de ser mero transmissor de conteúdos e torna-se mediador de

diálogos, intérprete de contextos e facilitador de aprendizagens significativas. Essa postura requer uma escuta qualificada, sensibilidade às diferenças e compromisso com a diversidade cultural que compõe o ambiente escolar. O educador passa a planejar a partir das histórias e práticas dos estudantes, entendendo o cotidiano como fonte inesgotável de problematizações. Nessa dinâmica, a aprendizagem se enraíza na experiência e ganha potência transformadora.

O cotidiano escolar, quando integrado de modo reflexivo, torna-se campo fértil para a construção de saberes coletivos. O que antes era visto como rotina ou repetição revela-se como espaço de criação e reflexão crítica. Como explicam Silva Andrade *et al.* (2024, p. 100):

O uso pedagógico das tecnologias e das práticas culturais cotidianas permite transformar a experiência comum em conhecimento partilhado, fortalecendo a autoria e o engajamento dos alunos. O cotidiano, portanto, não é o oposto da teoria, mas o lugar onde ela se concretiza, se testa e se reinventa. A prática docente ganha sentido quando está conectada à realidade dos sujeitos e às suas demandas concretas.

A articulação entre o conteúdo curricular e as vivências dos estudantes exige intencionalidade pedagógica. O cotidiano não deve ser tomado como mera ilustração ou exemplo, mas como objeto de reflexão e investigação histórica. É no confronto entre as experiências pessoais e os saberes escolares que surgem novas leituras do mundo. O aluno aprende a identificar permanências e rupturas, a reconhecer conflitos e a valorizar diferentes memórias. Esse movimento, ao mesmo tempo analítico e afetivo, confere à aprendizagem histórica um caráter humanizado e plural.

Roque da Silva (2023) enfatiza que “a valorização do vivido na escola é ato político e pedagógico que rompe com o silenciamento de grupos e saberes historicamente marginalizados”. Essa compreensão revela o potencial do cotidiano como espaço de resistência e de construção de justiça cognitiva. Ao reconhecer que todo sujeito carrega histórias, saberes e modos próprios de existir, a escola torna-se território de legitimação das diferenças e de enfrentamento das desigualdades. O conhecimento histórico, assim, se converte em instrumento de leitura crítica e de transformação social.

O cotidiano também se manifesta como cenário de tensões e aprendizagens não planejadas. As interações entre alunos, professores e comunidade geram situações imprevistas que enriquecem o processo educativo. Aprender a lidar com essas dinâmicas requer flexibilidade e sensibilidade para reconhecer nelas oportunidades de reflexão. A pedagogia do cotidiano, ao incorporar o imprevisto, valoriza o erro, o conflito e o diálogo como caminhos legítimos de formação. A História, nesse contexto, torna-se disciplina de mediação, que ajuda o sujeito a compreender o sentido de sua própria experiência no tempo.

A inserção das práticas cotidianas no ensino de História exige uma revisão das metodologias e dos instrumentos de avaliação. Não se trata apenas de incluir novos

conteúdos, mas de modificar as formas de ensinar e de aprender. As narrativas locais, as histórias de vida e as tradições culturais devem ser abordadas como fontes históricas que ampliam o horizonte interpretativo dos alunos. Ao trabalhar com essas dimensões, o professor estimula a empatia e o respeito pelas diferentes formas de viver, compreendendo o cotidiano como expressão de identidades múltiplas e em constante transformação.

Marques (2010) observa que:

A escola que reconhece o valor do cotidiano ensina o aluno a olhar para o mundo com curiosidade e compromisso, percebendo-se como parte de uma história em movimento. Essa leitura propõe uma ruptura com o ensino fragmentado e conteudista, estimulando o pensamento crítico e a autonomia intelectual.

O aluno, ao compreender que seu cotidiano é também campo de estudo e de reflexão, desenvolve consciência histórica e passa a atuar com mais responsabilidade na sociedade.

A valorização do cotidiano, ao ser incorporada à prática docente, favorece a interdisciplinaridade e a construção de vínculos afetivos com o conhecimento. O estudo de temas locais, quando articulado à História, à Geografia e às Ciências Sociais, permite que o estudante perceba a interdependência dos fenômenos e compreenda a complexidade do mundo. Além disso, o trabalho com o vivido estimula a memória coletiva e o pertencimento comunitário, resgatando o papel da escola como espaço de preservação e de inovação cultural.

O uso das tecnologias no ambiente escolar tem potencial para expandir o campo de aprendizagem, tornando o cotidiano um espaço de criação e autoria. Ao possibilitar novas formas de expressão e registro, essas ferramentas aproximam o conhecimento das experiências vividas pelos alunos. Aureliano *et al.* (2023, p. 30) afirmam que “as tecnologias podem potencializar o cotidiano como campo de aprendizagem, ao promover novas formas de registro e circulação de saberes produzidos na escola”. Essa perspectiva amplia as possibilidades pedagógicas, pois incentiva o uso de linguagens visuais, sonoras e digitais que fortalecem o vínculo entre experiência e conhecimento, fazendo da História uma prática que se atualiza nas ações e nas narrativas do presente.

O reconhecimento do cotidiano como categoria formadora exige coragem para romper com estruturas pedagógicas cristalizadas. A escola precisa reinventar seus tempos e espaços, abrindo-se à diversidade das experiências humanas. Essa mudança de paradigma demanda formação docente sensível e crítica, capaz de transformar o planejamento em ato político de escuta e de mediação. Ao legitimar o cotidiano como fonte e método, o ensino de História aproxima-se das realidades vividas e reafirma sua função social: formar sujeitos autônomos, conscientes e comprometidos com a transformação do mundo.

Em síntese, o cotidiano, entendido como espaço de produção de saberes, constitui um eixo central na construção de uma educação emancipadora. Ele integra

teoria e prática, conhecimento e experiência, passado e presente. Ao reconhecer o valor das vivências dos estudantes, o ensino de História fortalece sua dimensão humanizadora e democrática. A escola, nesse movimento, deixa de ser espaço de reprodução para tornar-se lugar de criação, diálogo e liberdade, um território onde o saber histórico nasce da vida e retorna a ela, transformando-a continuamente.

Práticas Pedagógicas e Aprendizagem Significativa na Sala de Aula de História

A prática pedagógica no ensino de História constitui-se como um campo de mediação entre o conhecimento científico e a experiência dos alunos. Mais do que transmitir conteúdos, o professor atua como facilitador de processos de construção do saber, criando condições para que o estudante interprete o mundo com base em referências históricas e culturais. O ensino deixa de ser uma simples reprodução de fatos para tornar-se espaço de investigação e diálogo, no qual o conhecimento é reconstruído a partir das vivências e da leitura crítica da realidade.

A aprendizagem significativa pressupõe que o aluno estabeleça relações entre o que aprende e o que já conhece, articulando novos conceitos às experiências prévias. No ensino de História, esse processo implica desenvolver habilidades interpretativas e reflexivas que permitam compreender o tempo histórico em sua complexidade. Costa (2019) destaca que a aprendizagem torna-se significativa quando o aluno atribui sentido ao conhecimento, integrando-o às suas experiências pessoais e coletivas.

O papel do professor, nesse contexto, é o de mediador crítico, capaz de promover situações de aprendizagem que mobilizem o pensamento histórico e a curiosidade investigativa. A aula de História se configura como espaço de diálogo, onde as narrativas se cruzam e se reconstróem. Ranzi (2001, p. 30) observa que “o ensino de História deve estimular a capacidade de problematizar o presente à luz do passado, sem se restringir à memorização de datas ou personagens”. Assim, o trabalho docente adquire dimensão formativa e emancipadora, pois contribui para o desenvolvimento da consciência histórica e da autonomia intelectual.

A construção de aprendizagens significativas depende da escolha de metodologias que valorizem a participação discente e a contextualização dos conteúdos. Projetos interdisciplinares, atividades de campo, uso de fontes orais e análise de documentos históricos permitem que o estudante compreenda a História como prática viva e interpretativa. A mediação do professor deve articular teoria e prática, de modo que o conhecimento não seja apenas apreendido, mas apropriado e ressignificado. Essa postura rompe com a lógica tradicional da aula expositiva e aproxima o ensino da realidade dos alunos.

Silva Jr. (2007) considera que:

A prática pedagógica em História deve ser compreendida como espaço de formação de identidades, onde o aluno reconhece seu lugar no tempo e na sociedade. Essa perspectiva amplia o papel da disciplina, que passa a contribuir para a construção da cidadania e para o fortalecimento da memória coletiva.

A História, ensinada de forma reflexiva, promove o diálogo entre tempos e experiências, possibilitando ao estudante compreender as múltiplas dimensões do ser humano e sua inserção nos processos históricos.

O desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras requer planejamento, intencionalidade e sensibilidade para reconhecer o cotidiano escolar como fonte de aprendizado. As situações vividas na sala de aula, os debates, as tensões e as curiosidades dos alunos constituem oportunidades para repensar o ensino e torná-lo mais significativo. A escuta ativa do professor é fundamental nesse processo, pois revela as concepções prévias e as formas de raciocínio histórico presentes nos estudantes. Quando valorizadas, essas vozes produzem um ambiente de confiança e colaboração, essencial para a construção do saber histórico.

A metodologia ativa, quando aplicada ao ensino de História, favorece o protagonismo discente e estimula a aprendizagem autônoma. Estratégias como estudos de caso, dramatizações, debates e jogos didáticos contribuem para aproximar o conteúdo da realidade. De acordo com Andrioli e Moreli (2013), a sala de aula torna-se espaço de criação coletiva quando o professor propõe atividades que despertem o desejo de investigar e interpretar o mundo. Essa abordagem rompe com a passividade e transforma o aluno em sujeito de sua própria aprendizagem, promovendo o envolvimento afetivo e cognitivo com o conhecimento histórico.

O uso de diferentes linguagens visuais, sonoras e digitais amplia as possibilidades pedagógicas no ensino de História. Ao explorar recursos tecnológicos, o professor pode tornar o conteúdo mais acessível e estimulante, favorecendo a construção de múltiplas leituras do passado. No entanto, o uso dessas ferramentas requer criticidade, para que não se reduza à ilustração, mas se constitua como instrumento de reflexão. A integração de vídeos, mapas interativos e plataformas digitais permite que o aluno relacione as transformações históricas com os fenômenos contemporâneos, consolidando uma aprendizagem contextualizada e relevante.

As práticas pedagógicas em História devem, portanto, articular o conhecimento acadêmico às experiências culturais dos alunos. O saber escolar adquire legitimidade quando dialoga com as realidades locais e reconhece as histórias que emergem do cotidiano. Silva e Silva (2019) argumentam que:

A construção do conhecimento histórico precisa considerar as vozes dos estudantes e suas interpretações sobre o mundo, pois nelas residem as bases para o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo. Tal concepção reforça a importância de uma pedagogia participativa, que valoriza o sujeito e seu contexto.

A aprendizagem significativa também depende da forma como o erro é interpretado na prática pedagógica. Longe de ser visto como falha, o erro pode se tornar um ponto de partida para a reflexão e o aprimoramento das estratégias de ensino. O professor que compreende o erro como parte do processo formativo promove um ambiente de segurança e diálogo, no qual o aluno se sente motivado

a arriscar, questionar e reconstruir suas ideias. Esse movimento contribui para o fortalecimento da autoestima e para o desenvolvimento da autonomia intelectual.

A avaliação da aprendizagem deve acompanhar essa perspectiva formativa e processual. Em vez de centrar-se em resultados finais, ela deve valorizar o percurso e as transformações cognitivas e afetivas dos estudantes. Portfólios, autoavaliações e devolutivas dialogadas são instrumentos que permitem acompanhar o desenvolvimento do pensamento histórico e promover o autoconhecimento. Ao compreender seus avanços e desafios, o aluno torna-se corresponsável por sua trajetória de aprendizagem, exercendo protagonismo sobre o próprio processo educativo.

A relação entre prática pedagógica e aprendizagem significativa exige, ainda, uma postura reflexiva do professor sobre sua atuação. O docente precisa analisar continuamente suas metodologias, suas concepções de ensino e as respostas dos alunos, reconhecendo que o processo educativo é dinâmico e coletivo. Essa autorreflexão é condição para que o ensino de História se mantenha vivo e relevante, acompanhando as transformações sociais e culturais. A prática reflexiva, portanto, torna-se componente essencial da identidade profissional do professor e do compromisso ético com a formação cidadã.

Segundo Costa (2019), a prática pedagógica deve ser um espaço de permanente construção e reconstrução, alimentado pelo diálogo entre teoria e experiência. A docência, assim entendida, transcende a técnica e alcança o plano da ética e da política, integrando o saber acadêmico às realidades humanas.

As práticas pedagógicas em História também devem promover a valorização das identidades e das memórias coletivas. O estudo das trajetórias locais, das culturas populares e dos movimentos sociais contribui para que os alunos reconheçam a pluralidade de narrativas que compõem o tecido histórico. Essa abordagem plural e inclusiva desafia versões hegemônicas e estimula o pensamento crítico. Ao trabalhar com múltiplas fontes e perspectivas, o professor oferece aos estudantes a possibilidade de compreender a História como campo de disputa e diálogo, e não como verdade única.

A dimensão afetiva da aprendizagem não pode ser negligenciada nesse processo. O vínculo emocional que o aluno estabelece com o conhecimento influencia sua motivação e seu engajamento. O ensino de História, ao lidar com memórias e identidades, mobiliza sentimentos e valores, o que o torna espaço privilegiado para o desenvolvimento da empatia e do respeito ao outro. A construção de uma aprendizagem significativa, portanto, requer não apenas clareza conceitual, mas também sensibilidade e escuta.

Por fim, a prática pedagógica em História, quando orientada pelos princípios da aprendizagem significativa, reafirma o compromisso da escola com a formação de sujeitos críticos, participativos e conscientes. O conhecimento histórico, ao ser apropriado de forma reflexiva, torna-se instrumento de emancipação, permitindo que o aluno compreenda o presente e participe ativamente da construção do futuro. Ensinar História é, nesse sentido, educar para a liberdade, um ato político e ético que valoriza o humano, o diálogo e a esperança como fundamentos da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito analisar o cotidiano como categoria formadora no ensino de História, buscando compreender de que maneira as experiências vividas pelos estudantes podem contribuir para a construção de aprendizagens significativas, críticas e contextualizadas. A partir da questão norteadora proposta, verificou-se que o cotidiano, quando incorporado de forma intencional à prática pedagógica, permite aproximar o conhecimento histórico da realidade dos alunos, favorecendo a compreensão das relações entre passado, presente e vida social.

A análise realizada demonstrou que o ensino de História se fortalece quando ultrapassa a lógica da memorização de datas, fatos e personagens, passando a valorizar as narrativas, memórias e vivências dos estudantes como fontes legítimas de reflexão. Nesse sentido, o cotidiano não deve ser entendido apenas como exemplo ilustrativo dos conteúdos escolares, mas como espaço de produção de saberes, no qual os alunos reconhecem a si mesmos como sujeitos históricos e participantes da construção do conhecimento.

Constatou-se, ainda, que a atuação docente é decisiva para que o cotidiano se converta em eixo articulador da aprendizagem histórica. O professor, ao planejar suas práticas a partir da escuta, do diálogo e da problematização da realidade, contribui para que os estudantes desenvolvam consciência histórica, autonomia intelectual e capacidade de leitura crítica do mundo. Assim, a aprendizagem significativa ocorre quando o conteúdo escolar estabelece relação com os repertórios culturais, sociais e afetivos dos alunos.

Outro aspecto observado refere-se à importância das práticas pedagógicas diversificadas, incluindo o uso de fontes históricas, narrativas orais, tecnologias digitais, registros do cotidiano e atividades investigativas. Tais estratégias ampliam as possibilidades de participação discente e tornam o ensino de História mais próximo da realidade escolar e comunitária. Quando utilizadas de forma crítica e contextualizada, essas práticas favorecem a autoria, o pertencimento e a compreensão da História como conhecimento vivo, interpretativo e socialmente situado.

Dessa forma, a pesquisa permite afirmar que o cotidiano contribui para a aprendizagem significativa e crítica no ensino de História ao articular experiência, conhecimento e reflexão. Essa articulação fortalece a função formativa da disciplina, pois possibilita aos estudantes compreenderem os processos históricos em diálogo com suas próprias vivências, reconhecendo permanências, rupturas, desigualdades, identidades e diferentes formas de participação social.

Por fim, reconhece-se que este estudo não esgota as possibilidades de análise sobre o tema. A relação entre cotidiano, ensino de História e aprendizagem significativa ainda demanda novas investigações, especialmente no que se refere às práticas docentes, ao uso das tecnologias e à valorização das experiências dos estudantes em diferentes contextos escolares. Ainda assim, os resultados

discutidos indicam que a incorporação do cotidiano à prática pedagógica representa um caminho relevante para a construção de um ensino de História mais crítico, humanizado e comprometido com a formação cidadã.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Francicleide dos Santos; SOARES, Emanuela da Silva; MONTEIRO JÚNIOR, Francisco Nairon. **Avaliação da aprendizagem: perspectivas e desafios**. Anais do CONEDU, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_EV200_MD1_ID15005_TB5884_23052024224140.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.
- COSTA, Júlio Resende. A história oral como fonte de pesquisa na história da educação. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 28080–28089, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/5083>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- ANDRIOLI, Célia Aparecida; MORELLI, Ailton José. **O uso da fotografia no ensino de História como fonte documental**. Cadernos PDE, UEM, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2013. Disponível em: https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_hist_artigo_celia_aparecida_andrioli.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FEBS, Aureliano; QUEIROZ, Ded. As tecnologias digitais como recursos pedagógicos no ensino de História. **Educar em Revista**, v. 39, p. e39080, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/educar/a/PDVy8ythhFbqLrMj6YBfxsm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2026.
- BRUNICZAK, Aline Kerber; MORÉS, Andréia; SOARES, Eliana Maria do Sacramento. **Avaliação formativa e prática docente: um relato de experiência**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 3, p. 255–269, set./dez. 2024. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/reflex/article/view/19824>. Acesso em: 8 abr. 2026.
- COELHO, George Leonardo Seabra; SILVA, Luiz Gustavo Martins da; SENIUK, Talita; SILVA, Thálita Maria Francisco da. Entre o esperado e o real: tecnologias digitais, ensino e manuais didáticos de História. **Revista História Hoje**, v. 11, n. 23, p. 103–127, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/924/464>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FRANZI, Juliana; BRAGA, Fabiana Marini; CHERFEM, Carolina; MELLO, Roseli Rodrigues de; PEREIRA, Kelci Anne. **Aprendizagem dialógica na educação de pessoas adultas: denúncias e anúncios para a superação de obstáculos e busca pelo desenvolvimento humano**. Educação: Teoria e Prática, v. 19, n. 33, p. 77-98, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/3244>. Acesso em: 6 abr. 2026.

GONÇALVES, Valdirene Luiz; FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. **A prática educativa dialógica: um panorama retratado em pesquisas no Brasil.** Educação em Foco, v. 27, n. 52, p. 1-27, 2024. DOI: 10.36704/eef.v27i52.7932. Disponível em: <https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/7932>. Acesso em: 8 abr. 2026.

LIMA, Diva; SALES, Alex P.; SILVA, Edigleuma do Socorro B.; NORONHA, Maria Jeane de. Avaliação formativa da aprendizagem no contexto da pandemia de COVID-19 na CREDE 15: reflexões sobre a perspectiva de alguns sujeitos envolvidos. **Revista Docentes**, v. 4, n. 1, p. 33-48, 2022. Disponível em: <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/453>. Acesso em: 8 abr. 2026.

MARISSON, Sonia M. dos Anjos; PERIN, Ticiane Antunes; MEDA, Micheli Pires de Oliveira; ANDRADE, Hatia Rosi Izaguir; FREIRES, Kevin Cristian Paulino; MINETTO, Vanessa Aparecida. **Tecnologia na educação: uma jornada pela evolução histórica, desafios atuais e perspectivas futuras.** E-book, CAPES, v. 1, n. 1, p. 1-220, 2023. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br>. Acesso em: 8 abr. 2026.

MARQUES, Antônio Carlos Conceição. **As tecnologias no ensino de História: uma questão de formação de professores.** Dia a Dia Educação, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2010. Disponível em: <https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1415-8.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2026.

RANZI, S. M. F. Fontes orais, história e saber escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 55-70, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/GpVfvk4gMLmmhRhChrVmj5b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2026.

ROQUE DA SILVA, Max Rodolfo. **Ensino de História e novas tecnologias: desafios e perspectivas.** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/download/10099/8667/39574>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SILVA ANDRADE, Andréia G.; SILVA, Heloiza Aline P.; MEDEIROS, Karen P. B. **O uso de recursos tecnológicos no ensino de História: revisão de literatura.** Anais do CONEDU, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID11580_TB3128_16102024112020.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

SILVA JR., Edson Teixeira da. **História oral e as ciências humanas.** Cadernos UniFOA, v. 12, n. 1, p. 24-40, 2007. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/download/855/749>. Acesso em: 8 abr. 2026.

SILVA, Geiferson Bonfim da; SILVA, Carmelo Souza da. **História, imagem e narrativa: um estudo sobre o uso de fontes visuais no ensino de História escolar.** Anais do CONEDU 2019, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID11765_22082019173158.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

SILVA, Gisélia Lima da. **Práticas de avaliação da aprendizagem: perspectiva dialógica e interventiva no âmbito da educação profissional integrada ao ensino médio de uma escola pública no território do Sisal.** Orientadora: Ivonete Barreto de Amorim. 2021. 157f. Dissertação (Mestrado Profissional), Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social - Departamento de Educação Campus XI, Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, 2021. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5605>. Acesso em: 8 abr. 2026.